

## **Atualidade da Psicanálise e ideais clínicos (em defesa de uma utopia)**

Virginia Portas

### **RESUMO:**

Compartilhando com Deleuze a idéia de que o homem é sonho que transcende o imediato através da construção das suas utopias, sendo exatamente por meio desta possibilidade de construir utopias que organizamos o presente dando-lhe sentido, que abordo a questão da clínica problematizando o conceito de cura para além das impossibilidades teóricas apontadas por Freud em Análise Terminável e Interminável.

Para o senso comum ainda é problemático falar em sintoma e cura desvinculando-os de sua tradicional ligação com a Medicina e seus ideais de estética e saúde. Esta permanente tentativa de ligar os ideais médicos aos ideais psicanalíticos não é inseqüente, embora as parcerias sejam inevitáveis suas abordagens são de índoles diferentes. À Psicanálise interessaria mais os efeitos e as propriedades de placebo dos remédios do que suas propriedades curativas médicas, se considerarmos que o sintoma emerge de um conflito psíquico, cujo circuito se estabelece entre tramas e artimanhas utilizadas por tentativas de resolução desse confronto. Nesse sentido, o que vai importar não é sua eliminação e sim o seu percorrimto e acompanhamento dos processos criativos de sua elaboração. E como são criativos!

À inevitável pergunta sobre o que fazer com o sofrimento do outro na vivência da sua expressão é o mal-estar do qual não escapamos já que a vida não espera e cobra “presença saudável” dos nossos analisandos. Do ponto de vista clínico psicanalítico, quem procura análise, seja neurótico ou psicótico, é aquele que sofre por não conseguir administrar razoavelmente seu capital pulsional/afetivo. Como nos ensina Freud, estamos lidando com economia, dinâmica e sua organização. Estamos trabalhando com capital libidinal, ou seja com a dinâmica e economia que rege a “regulagem” da sua balança, nesse eterno confronto consigo, com os outros e com o mundo.

Em *Análise Terminável e Interminável* (1937), Freud fala da cura como inatingível, ligando os ideais da Psicanálise às expectativas do senso comum, determinadas pela política e avaliação de metas “ideais”, suas relações de causa e efeito circunscritas numa relação espaço/temporal. Nesse momento histórico, a Psicanálise cai na armadilha das superações de ideais olímpicos, dos *obstáculos* intransponíveis aos humanos mortais.

Se um dos elementos problematizadores para Freud foi a questão da pulsão de morte, e a reboque a concepção de um masoquismo originário - mola propulsora de uma *reação terapêutica negativa* - a peste se instaura dentro da Psicanálise: de sua teoria e de sua clínica. Um problema econômico que desestabiliza a balança dos investimentos libidinais e dos afetos impossíveis de ganhar uma representação simbólica, mas possuindo um poderoso arsenal de desestabilização. Se a teoria não impede que os acontecimentos existam, “dopings” são freqüentemente utilizados para manter uma investidura de deus, mas que na sua humanidade recebe a “culpa” por tentar, a qualquer preço se compatibilizar com este modelo de ideal olímpico.

A constatação de que, *além do princípio de prazer*, com toda a sua política de pão e circo, algo mais rebelde não se deixa seduzir insistindo em ganhar voz ativa, obriga Freud a apontar no seu texto, *Análise Terminável e Interminável*, entre os citados obstáculos quase intransponíveis que se opõem à cura, a “força constitucional das pulsões” e a “presença da pulsão de morte”. Esses elementos “terroristas” que se manifestam contra o modelo psíquico freudiano, desestabilizando-o. Freud nos apresenta o fora de lugar, o desorganizado do inconsciente levando-o a declarar, que o poder terapêutico e profilático da Psicanálise, dependeria de considerações quantitativas, submetidas a leis precisas de distribuição de afetos.(1)

A grande questão para Freud, após a descoberta da existência de uma pulsão sem representação, seria como dar conta de movimentos repetitivos na vida do sujeito que escapam ao sistema dos complexos. Ou seja, como fazer a articulação desse excesso terrorista também desestabilizador de uma teoria que pensa um sistema psíquico regido por leis que tendem ao equilíbrio? A questão seria ter que considerar o que desequilibra mas faz parte do sistema ainda que como elemento desestabilizador. Portanto, é um problema terrorista que aparece na clínica que leva Freud a enfrentar e a considerar o que se opõe ao seu modelo ideal de sistema psíquico, nesse momento, tentando responder ao senso comum: *como se consegue a cura* e o que se opõe ao seu regime psíquico assim pensado.

A subversão do conceito de cura nesse momento situa a Psicanálise como aquela ciência que pode acompanhar e acolher como objeto do seu estudo, os movimentos subversivos que impedem que qualquer ciência fique totalmente à vontade com o seu saber. Com isso, o conceito de cura inclui

considerar elementos transgressores a qualquer tentativa de formatação ideal, já que vai levar em conta também movimentos espontâneos e múltiplos de: diversificação, criação e expansão em si mesmos. Movimentos criativos, pois inesperados. Penso que a Psicanálise tem uma relação direta com as utopias pois, não tendo um ponto de chegada definido, o seu objeto, o inconsciente, é inaprisionável, dinâmico e criativo.

A idéia sempre presente de criar dispositivos técnicos que favoreçam, acolham e incluam à dinâmica clínica, possibilidades e limites por relação a movimentos transgressivos seria retirar da clandestinidade elementos terroristas que se apresentam como ação ou fala desordenadas, para entendê-las como elementos de quebra de sistemas, elementos que buscam expressão pelas bordas, que Freud brilhantemente conceituou com a sua mitologia das pulsões.

Como consequência estética, a possibilidade de reescrever uma alteridade que se afirme singular e pulsionalmente para aquém e/ou além das identificações. Ou seja, possibilidade de territorialização, a partir de um encontro de força e contra-força, de restos e intensidades que não cabem em sistemas, mas que se expressam via transferência e que são virtualmente criativos.

Em 1923, no texto, O Eu e o Isso, Freud afirma o reconhecimento de um lugar psíquico de contexto mais amplo na tópica freudiana: *Isso* - onde o que impera não é mais apenas o recalque, mas também uma *não-representação pulsional* - que ele vai chamar de “*energia neutra*”(ii) – abrindo espaço, portanto, para uma intervenção que não seja apenas restauradora de sentido perdido, mas criadora também de sentido até então inexistente. Haveria algo

no registro do corpo pulsional que não se *conforma* e insiste para *além*, naquilo que Freud chamou de *compulsão à repetição*.

O que está em questão, é a possibilidade de emergências no processo analítico, de estados onde o que impera não é apenas a fala do recalque ou estruturas desde os complexos, mas movimentos dinâmicos e criativos a serem considerados: novas formas de expressão libidinal. Desde o ponto de vista pulsional, o tempo da pulsão é o agora da própria insistência do seu movimento. Nesse sentido, promove temporalidades inaugurais não submetidas a um passado ou a uma estrutura de origem, uma força pulsional para além de um eu das identificações, cujas criações pulsionais se apresentam sem que com isso implique em interpretações ou engajamentos simbólicos por parte do analista. O que implica considerar a possibilidade da passagem de uma experiência psíquica da condição de marca à inscrição: uma memória inaugural, portanto. Nesse sentido o desamparo e a angústia temporários despertados pela retirada de garantias que os engajamentos simbólicos promovem via interpretação, podem inaugurar novas produções, desvios para um encontro que possa qualificar a quantidade do excesso pulsional.

Se considerarmos como fato de que, quando a lógica emudece o corpo fala e quando esta fala pode ser escutada na desordem de suas manifestações, ela ganha, além de uma existência, um outro estatuto psíquico. Portanto, poder acompanhar essas emergências que assolam e invadem o analisando, requer uma dose de amizade, que Sândor Ferenczi chama de capacidade de “*sentir com*” (Mitfühlen) (iii), capacidade de reconhecer a radicalidade da diferença, pré-requisito para que um estado de ressonância se

estabeleça, funcionando como dispositivo técnico que, ao contrário de uma interpretação, acolhe o que poderíamos considerar pura potência virtual.

O analista configurado na sua parcialidade, como aquele que oferece menos resistência exerce sua função de suporte material, permitindo que *virtualidades* ou excessos pulsionais ávidos de encontros possam qualificar essas manifestações num outro registro: o da *criação*, ou dar-lhes um outro estatuto: do *novo*, que nesse encontro se faz presente. Nesse sentido, a potência criativa dependeria exatamente do acaso e da possibilidade da vivência do espanto e da perplexidade do estranho do infamiliar de um acontecimento; da natureza caótica do encontro dessas virtualidades, cujo embate não passa exatamente pelas idéias e nem pelas palavras mas pela capacidade de afetar e ser afetado pelo outro. Por outro lado, se considerarmos que os vínculos não se fazem a partir de representações totalitárias, mas de parcialidades, fragmentos, talvez possamos considerar que não podem ser tomados desde a sua totalidade. O que significa dizer que eles se fazem de pequenos encontros onde não se trata do *é isso* ou *é aquilo*, mas *são issos e aquiloos*, ou *partes d'isso* e *partes d'aquilo*.

Nesse sentido, pensar também a transferência enquanto a configuração de um encontro de forças seria levar em conta um processo que inclui o se imbricar com os sentidos que cria, situando essa experiência dentro de um campo virtual provedor e efeito de multiplicidade. Portanto, a idéia que permeia é a de considerar as parcialidades que escapam, permanentemente às tentativas totalizantes dos processos de subjetivação, na medida em que reconhecemos processos que são a-subjetivos e que se consubstanciam numa outra memória não referida simbolicamente.

Essa possibilidade clínica resgata a possibilidade de ênfase nos movimentos singulares, cujos códigos de significação arrebatam a si. Nesse sentido, o psicanalista configura-se mais do que um mero investigador, tradutor psíquico, ou mesmo, quanto à sua função, aquele que processa ajustes finos a um aparelho, cujo esquema prévio vai lhe indicar o seguinte enredo: suporte da transferência e da não-resposta à demanda do analisando para que o mecanismo imaginário dispare e o analista, ao pontuá-lo, possa impor o simbólico.

Contudo, é essencial entender que o sujeito se faz no *entre* processos: de afirmação pulsional (alteridade radical) e de captura simbólica (identificações). Nesse sentido a escuta do paradoxo é fundamental, já que ele marca a interseção, o momento de criação, de emergência daquilo que se engendrará ao mesmo tempo no *entre* dois sentidos opostos. A verificação do paradoxo destrói a fixidez de um sentido único marcado previamente pelo tempo recorrente de um senso comum arbitrário, marcando, além disso, um tempo de suspensão para que o balanço do aleatório e do acaso agite virtualidades: nascedouro da criação de novas possibilidades de existência. Por outro lado, a afirmação e aceitação de limites, pensados enquanto expansão psíquica, vão deslocar e redimensionar a questão da castração para situá-la dentro de uma outra dinâmica, no sentido de não ser mais um obstáculo a ser ultrapassado por conta de uma certa espacialização (ou localização) prévia e/ou de uma temporalidade única. A cura, nesse sentido, se configuraria na aceitação afetiva de movimentos de tempos infinitos, indefinidos, múltiplos, da ordem de uma certa interminabilidade, segundo Ferenczi (iv). Portanto, um tempo infinito de indeterminação interior que possa incluir afirmativamente esse

infinito. O fim de uma análise não pressuporia, então, um fim em si mesmo, mas a possibilidade de afirmação de fins infinitos de ordem pulsional intermináveis. Na própria aceitação de tempos finitos no infinito, inclui-se a morte, inclui-se o infinito de forma imanente.

Estamos, portanto, seguindo Freud e apontando duas abordagens -tanto teórica quanto clínica- diferenciadas e distantes uma da outra por relação à cura, cujo texto *Análise Terminável e Interminável* parece balizar. Nesse sentido, também fica previamente configurada uma diferença por relação à função do analista, que dependendo da sua aceitação e postura teórica assim se colocará frente a seu analisando na situação analítica. Portanto, a questão da transferência, também se coloca diferentemente. Se aceitarmos que o conceito de *introjeção* (v) vigora, o analista aceitando teoricamente a idéia de *obstáculos intransponíveis*, estes serão introjetados pelo analisando, fixando-o espacialmente e restringindo-o temporalmente. Ou seja, o analisando ao introjetar obstáculos, finitiza o processo impedindo-o de ser infinito - no sentido de um “auto engendramento transfinito” (vi), tomando as palavras de Fedida.

Se dar conta e aceitar aquilo que é “mais próprio” -o próprio movimento pulsional- seria a proposta ética de aceitação de movimentos singulares, embutida numa técnica de acolhimento daquilo que não se inscreve em sistemas (vii), mas que na sua insistência podem promover sentido. Mas, o que seria na clínica uma tentativa de *criação de sentido*? Pensar o *humor*, os *chistes* e *atos falhos* como manifestações do infantil da pulsão, que resistem e insistem em se apresentar. Se pensarmos neles como uma tentativa de criação de sentido e não *apenas* como fugitivos de um inconsciente recalçado, que

burlam a censura para esclarecer um enigma, vamos deslocá-los dessa relação espaço/temporal para entendê-los *também* como transgressores, que burlam sim, um sistema fechado de significação para se afirmarem tanto como emergentes singulares quanto como suportes materiais a serviço de uma fala sem linguagem, cujo sentido é uma criação do e no atual da transferência. Mesmo que essas emergências sejam posteriormente capturadas em sistemas, não invalida a experiência transformadora e expansiva promovida pelo acontecimento, fruto de uma emergência inédita e fugaz. Dismistifica-se, assim, a idéia de viagens às profundezas do inconsciente para, ao contrário, valorizá-lo através de manifestações cuja dinâmica e construção se apresentam na superfície. Por outro lado, o *espanto* e a *surpresa* do analista promovem e confirmam o inusitado dessa apresentação, testemunhando e validando, transferencialmente, um momento de criação. O que significa dizer que o analista acolhe o traumático, que é sempre diferencial testemunhando a possibilidade de que afetos e representações se dêem fora das expectativas e isto o inclui.

Por aí é que proponho pensar a teoria psicanalítica, não como uma marca de oposição à dinâmica acelerada e irresistível da criação, e sim como um saber parcial cuja regularidade é apenas temporária e transitória. Entendê-la carimbada com a marca da transitoriedade é incluir nas suas entranhas a possibilidade do novo, do acontecimento, naquilo que possa subvertê-la, como fez Freud no seu texto *Análise Terminável e Interminável*. A obra freudiana permite vários retornos a ela, e nesse sentido, sempre podemos citá-lo acompanhando as contradições que ele mesmo apontava. Sempre tomando Freud como matéria prima teórica, ele não estava longe dessa idéia dos

movimentos singulares e das multiplicidades temporais quando escreveu, ainda em 1913, *Sobre o Início do Tratamento*, enfatizando a importância de uma dinâmica criativa sem a qual a teoria fica sem sustentação (viii).

Nesse sentido a aposta na atualidade da Psicanálise estaria em pensá-la teoricamente, e em sua resultante clínica, sempre tangenciando modelos fixos – mesmo freudianos – tendo a ousadia de criar dispositivos e conceitos que levem em conta a multiplicidade de processos que engendram o ser e o mundo de uma forma simultânea e dinâmica frente a uma proliferação em devir. Se considerarmos que nenhum sistema tem a capacidade de capturar inteiramente o sujeito, podemos pensar também, que os sujeitos não se inscrevem totalmente em quaisquer sistemas. Escapam deles. A obra freudiana é um grande exemplo: nasceu transgressora, parcial, nascedouro de teorizações provisórias, cujas dúvidas Freud generosamente compartilhava. Até o fim da sua vida teve a coragem de se contestar e expor contradições, que ampliam e atualizam as possibilidades da Psicanálise, permanentemente. Seu movimento constante de ir e vir indica inquietações que trazem a marca de uma certa precariedade que impulsiona.

O que seria uma experiência paradigmática de criação? Como sempre é Freud que nos dá um exemplo perfeito, fruto da curiosidade das suas observações intermitentes da vida. Coerente com isso, ele já advertira - no prefácio da quarta edição - quando escreveu os Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade: “Soubessem os homens aprender através da observação direta das crianças, estes três ensaios não precisariam ser escritos” (ix). E é da observação do seu neto que Freud nos apresenta a experiência do *fort-da*. Fruto de uma dinâmica estabelecida num entre ausências-presenças, o *fort-da*

é uma criação monitorada pela angústia não simbolizável frente ao desamparo que o vazio de um objeto ilusoriamente “totalizante” promove. O insistente movimento pulsional de jogar para *além* ativiza uma espera passiva e restritiva. Portanto, o que ele pode recolher de satisfação no segundo movimento em que presentifica uma ausência é secundário e está relacionado com a possibilidade de simbolização - garantia intelectual.

Mas, o que está em questão nessa experiência, não é apenas a conseqüência subjetiva desta ação, e sim, a positivação da insistência de um movimento - jogar para *além* - no sentido de que foi através da insistência desse movimento pulsional que a distância do confronto com a morte foi diminuído, e que, num segundo momento, se configurou em um dispositivo técnico útil de adaptação a uma ausência ou a um vazio. Ou seja, a simbolização de uma ausência *por e através* uma criação. É claro que a cultura se faz presente nessa experiência singular do *fort-da*, acolhendo o criador como seu representante: dentro de uma ordem cultural foi a saída pulsional/criativa possível, que desembocou numa construção simbólica de elaboração de uma ausência. Contudo, penso que o mais importante não é *que* o movimento se destina e sim a possibilidade dele se fazer, de poder pulsionar pulsionalmente insistindo em si próprio. Portanto, uma criação que promove a passagem de um sofrimento passivo à atividade de uma ação, que por sua vez, vai diminuir a distância de enfrentamento com a morte para incluí-la ativamente, agi-la pulsionalmente. Além disso, é uma criação na qual o sofrimento foi magnificamente sublimado, promovendo ainda a inscrição psíquica dessa experiência, protótipo do que poderíamos chamar *de processo expansivo de sublimação*. Mas, o que se verifica nessa experiência não se

esgota nela, reaparecendo insistentemente na clínica onde os dramas servem apenas de cenário às trágicas questões do *desamparo*, da *sexualidade* e da *morte*. Então, o que está em jogo nessa experiência do *fort-da*, é toda a possibilidade de promover a vida incluindo a morte. Nessa experiência ela não é incluída como imposição transcendente mas de forma imanente. Além disso, é uma criação que se engendra em duas direções quase ao mesmo tempo, e que se faz implícito no *entre* dessas forças.

A criação de sentido pressupõe duas forças agindo sem que uma se reduza à outra. Um sentido inclui sempre um não-sentido, dinâmica esta que, na mesma medida em que se faz, abre espaço para a criação e para a multiplicidade de novos sentidos. Da mesma maneira que, segundo Deleuze, enquanto “Alice cresce, não é ao mesmo tempo que ela é maior e menor, mas é ao mesmo tempo que ela se torna um e outro”. É a potência criativa e positiva da transitoriedade. O que quero dizer, é que a aceitação da transitoriedade também é o lócus por onde a clínica psicanalítica pode navegar no seu compromisso com a atualidade. Pressupõe a ética de incluir a natureza caótica e imprevisível da dinâmica da vida, cuja organização e contorno são dados a partir das repetições e regularidades que se formalizam posteriormente em leis. Portanto, a dinâmica e atualidade da Psicanálise está em incluir nela a possibilidade de que toda idéia deve ser considerada transitória, o que significa dizer, considerar seu caráter essencialmente precário, segundo Guattari (x).

O entendimento de um espaço analítico enquanto virtual, pressupõe um inconsciente dinâmico que, no mesmo movimento em que é produtor é produto, o que transgride as formulações do senso comum arbitrário. A

*transgressão* passaria a ser entendida no sentido de abertura à possibilidade de criação de uma nova ordem, para que estéticas e éticas possam se fazer livremente, ou melhor dizendo, que se possam construir e assumir estéticas e éticas nas quais o outro é incluído, não enquanto objeto mas enquanto sujeito da diferença a ser respeitado na sua singularidade. Por aí, a alteridade se configura na própria radicalidade do processo pulsional. A idéia de aceitação de uma nova ordem vai singularizar e respeitar qualquer “patologia” seja ela, neurótica ou psicótica.

Por outro lado, deslocar e subverter o conceito de cura freudiano para acrescentar-lhe um sentido mais amplo, e, paradoxalmente, mais parcial, implicaria na idéia de considerar a sublimação configurada no próprio movimento do circuito pulsional, expansivo por definição. Uma técnica que inclua e possibilite a criação de novos objetos de ancoramento pulsional é perfeitamente congruente com a dinâmica da vida. A atualidade da Psicanálise, se afirma ao incluir na sua operacionalidade clínica, além das impossibilidades teóricas apontadas por Freud em *Análise Terminável e Interminável*, que paradoxalmente a revitaliza, mas reconhecer e incluir na sua dinâmica a virtualidade das potências criativas. Acreditando fundamentalmente nas palavras de Freud: “Pelo menos a Psicanálise nunca fecha a porta para uma nova verdade” (xi), que inclui a possibilidade de pensá-la dinamizando os paradoxos e construindo utopias.

---

i - Freud, S. - In. Esboço de Psicanálise.1938 in. Obras Completas de Sigmund Freud. RJ.Imago.1977. Cap. VI. parte II. Cit. Pg. 209/210.

ii - Freud, S. - Ibid. in. “O eu e o Isso”,.cit.p.59: *“Fizemos cálculos como se existisse na mente- no eu ou no id – uma energia deslocável, a qual neutra em si própria...”*.

iii[v][v][v] - Férenczi, S. –In,“Elasticidade da Técnica”. 1928. Vol. IV. Obras Completas de Sandor Ferenczi. Ed. Martins Fontes. SP.1991.

iv - Férenczi, S. - Ibid. in “O problema do fim da análise”. 1928. Vol. IV.

v - Ibid. in. “O conceito de introjeção”.1912.cit.pg.182: *“É a esta fusão desses objetos amados com o nosso eu, que chamei de introjeção, e estimo que o mecanismo dinâmico de todo amor e de toda a transferência sobre um objeto, é uma extensão do eu, uma introjeção.”*

vi - Fedida, P. – in “Clínica Psicanalítica”, ed. Escuta, SP, 1988, cit.pg. 116: *“Um tratamento analítico pode e deve receber um fim (um término) quando instaurou no analisando as condições de uma atividade sem fim - por assim dizer, transfinita.”*

vii - Não fazem memória. Não se inscrevem enquanto traço.

viii - Freud, S. – ibid. in vol. XII, pag. 164 ( grifo meu ): *“Todo aquele que espere aprender sobre o nobre jogo do xadrez nos livros, cedo descobrirá que somente as aberturas e os finais de jogos admitem uma apresentação sistemática exaustiva e que a infinita variedade de jogadas que se desenvolvem após a abertura desafia qualquer descrição desse tipo.(...) As regras que podem ser estabelecidas para o exercício do tratamento psicanalítico acham-se sujeitas à limitações semelhantes.”*

ix - In Vol VII. Pg. 126.

x - Guattari, F. In. “Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo”.1977. ed. Brasiliense. Cit.p.: 141: *“toda idéia de princípio deve ser considerada suspeita”*.

xi - In, “A Arte da Entrevista”. Ed. Scritta. SP,1995.cit.pg. 95. Resposta de Freud ao jornalista George Sylvester Viereck, Glimpses of the Great, 1930.